



Há mais de dez anos escrevi um texto sobre o **ateliê**aberto. Retomo ele agora com o intuito de atualizá-lo. Só que não. A proposta do **ateliê**aberto desde sua criação em 1997 continua atualíssima; sempre foi a de propor novas formas de trabalhar com a arte em um processo de renovação constante do fazer e do pensar. Inicialmente criado para ser um ateliê coletivo de artistas, um espaço de pesquisa e produção de arte, ampliou sua linha de atuação para projetos experimentais, curadorias, discussões de arte contemporânea, workshops, orientação de projetos e consultoria, além da concepção, produção e montagem de exposições. Ele também funciona como um centro de documentação e pesquisa, e nessas quase duas décadas de existência abrigou alguns dos nomes mais representativos da arte contemporânea brasileira, além de artistas de outros países.

Nesses 18 anos o **ateliê**aberto passou por várias sedes, vários espaços. Localizado em Campinas, terceira maior cidade do Estado de São Paulo, e uma das 15 mais populosas do país, ele não é um espaço comercial e não tem perfil de uma galeria. É um espaço independente e processual por natureza, experimental. Já traz em seu nome um dos seus sentidos: estar aberto. A idéia é que o artista pense o espaço de trabalho não só como um espaço para a exibição de sua produção, mas também como o próprio local onde o trabalho se faz, se pensa. O que está em jogo é o pensamento, o processo do artista, e não apenas a sua obra como um fim. Nesses 18 anos de existência o **ateliê**aberto, não só alcançou sua 'maioridade', porque ele já nasceu senhor de si. E está pronto para novos [re]começos.

Jurandy Valença